

Os blocos de enredo do carnaval carioca: identidade e organização

**Los *blocos de enredo* de carnaval de la ciudad de Río de Janeiro:
Identidad y organización**

**The *blocos de enredo* carnival city of Rio de Janeiro: identity and
organization**

Júlio César Valente Ferreira¹

Palavras chave:

Blocos de Enredo

Carnaval

Rio de Janeiro

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo apresentar as primeiras discussões sobre a pesquisa em curso que tem os blocos de enredo que desfilam no carnaval carioca como objeto de estudo, diferenciando-os em relação às demais manifestações do carnaval carioca a partir das perspectivas ritualísticas e sócio-organizacionais. Desta forma, seu lugar e seus significados na configuração do carnaval carioca são inicialmente debatidos a partir do referencial bibliográfico sobre este carnaval, da análise de matérias jornalísticas e do trabalho de campo empreendido.

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo presentar los primeros debates sobre La investigación en curso que tiene los *blocos de enredo* que desfilan en el carnaval de la ciudad de Rio de Janeiro como objeto de estudio, diferenciándolos en relación con otras manifestaciones desde perspectivas ritualistas y socio-organizativa. De esta manera, su lugar y su significado en el contexto del carnaval de la ciudad de Rio de Janeiro se discuten inicialmente a partir de las referencias bibliográficas en este carnaval, el análisis de informes periódicos y llevado a cabo el trabajo de campo.

Palabras clave:

Blocos de Enredo

Carnaval

Rio de Janeiro

Keywords:

Blocos de Enredo

Carnival

Rio de Janeiro

Abstract:

This paper aims to present the first discussions on the ongoing research that has the *blocos de enredo* parades in the carnival city of Rio de Janeiro as an object of study, differentiating them in relation to other manifestations from ritualistic perspectives and socio-organizational. In this way, their place and their meanings in carnival city of Rio de Janeiro setting are initially discussed from the bibliographic references on this carnival, newspaper clippings analysis and field work undertaken.

Os blocos de enredo do carnaval carioca: identidade e organização

1 – Introdução

O carnaval da cidade do Rio de Janeiro não se resume aos desfiles das escolas de samba quando se observam as manifestações carnavalescas que possuem caráter de competição. DaMatta (1997) constatou que muitos outros grupos (na época da primeira edição da publicação, em 1979) compartilhavam o espaço carnavalesco. Destes, o único grupo que ainda mantém na atualidade este caráter competitivo é o relativo aos blocos de enredo. A existência deste tipo de agremiação também faz relativizar a afirmação de que os blocos de rua predominam unicamente no carnaval de rua, contrariando o senso comum dominante em publicações como as de Motta (2011; 2014) e Pimentel (2002).

Apesar de serem distintas manifestações carnavalescas, no Rio de Janeiro, as escolas de samba e os blocos de enredo têm como origem as camadas periféricas urbanas, além do fato de que muitas escolas de samba (principalmente aquelas pertencentes aos últimos grupos de acesso) originaram-se de um ou mais blocos de enredo. Mesmo com esta separação, ressalta-se a obrigatoriedade, entre os anos de 2011 a 2014, chancelada pela Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S.A. (RIOTUR^{II}), de se transformar blocos de enredo em escolas de samba, e vice-versa, tendo como justificativa os resultados dos concursos carnavalescos do ano em questão. Por fim, um dado importante para o estabelecimento do cenário deste estudo é a indicação do crescimento do carnaval de rua a partir de grupos organizados conhecidos genericamente como blocos de rua (BARROS, 2013) (FRYDBERG, 2014) (PIMENTEL,

2002), desde a década de 1990, formado por blocos, cordões e bandas, que se organizam, ou não, em entidades representativas e são cadastrados na RIOTUR.

Sobre a produção bibliográfica relativa aos blocos, mesmo em publicações específicas, como os escritos lançados por Motta (2011; 2014) e Pimentel (2001), não há menção aos blocos de enredo. Aqui, encontra-se uma questão importante a ser problematizada, que é a constatação de que a expressão “bloco”, tão usual no carnaval para identificar este tipo de manifestação carnavalesca, não mais contempla os blocos de enredo. Quando o contorno é delimitado à produção acadêmica sobre o carnaval no Rio de Janeiro, não há qualquer trabalho que tenha os blocos de enredo como objeto de estudo^{III}. Aliado a esta questão, soma-se o fato das pesquisas sobre o carnaval de rua imputarem aos blocos de rua a responsabilidade por um movimento de retomada ou renascimento deste a partir do período compreendido entre as décadas de 1980 e 1990 (ARRAES, 2013; BARROS, 2013; HERSCHMANN, 2013; LEOPOLDI, 2010b; SAPIA; ESTEVÃO, 2012), invisibilizando desta forma a existência e a atuação dos blocos de enredo no carnaval carioca.

As referências aos blocos de enredo não aprofundam as questões relativas a esta manifestação carnavalesca. Basicamente, encontram-se breves relatos sobre o fato de existirem e o paralelismo visual e musical com relação às escolas de samba. O material mais extenso em informações sobre os blocos de enredo é encontrado em RIOTUR (1991), onde se situam informações sobre os locais de desfiles, os resultados dos concursos e nome, endereço, data de fundação e cores das agremiações que eram filiadas a Federação dos Blocos Carnavalescos do Estado do Rio de Janeiro (FBCERJ) naquele momento. Entretanto, atualmente, nem mais as publicações do poder público

abordam os blocos de enredo. No material mais recente sobre o carnaval carioca publicado pela municipalidade (RIOTUR, 2014), somente as escolas de samba e os blocos de rua são contemplados.

A obrigatoriedade por força de regulamento da transformação de blocos de enredo em escolas de samba, e vice-versa chamou a atenção para a existência de uma manifestação carnavalesca, os blocos de enredo, atualmente pouco divulgada, mas que ainda se estabelece como contraponto às escolas de samba, no que tange às competições carnavalescas na cidade do Rio de Janeiro, e aos blocos de rua, com relação às possibilidades de formatação dos desfiles encontrados no carnaval de rua da cidade.

2 – O carnaval dos blocos de enredo e suas leituras

Sobre as definições relativas às manifestações carnavalescas, Leopoldi (2010a) aponta que elas revelam essencialmente aspectos externos, geralmente relativos aos cortejos empreendidos, minimizando elementos significativos que emergem em seu contexto social. Para o presente momento deste texto, este tipo de definição será útil para caracterizarmos inicialmente o objeto de estudo em questão, os blocos de enredo, diferenciando-o dos demais tipos de blocos carnavalescos.

Não há a possibilidade de se estabelecer uma categoria monolítica para se tratar dos blocos carnavalescos que desfilam no Rio de Janeiro (simplesmente considerando-os todos como blocos). Entender os princípios básicos de suas diferenciações auxiliará a continuidade da pesquisa, visto a grande quantidade de agremiações que se identificam e que são identificadas como blocos carnavalescos. Em linhas gerais, apresentam-se três denominações usualmente adotadas quando

se abordam os blocos carnavalescos que desfilam na cidade do Rio de Janeiro. As definições de tipificações dos blocos carnavalescos que desfilam no carnaval carioca postas a seguir são propostas neste artigo, tendo como base DaMatta (1997) e Pereira (2003).

Os blocos de rua desfilam no formato de procissão^{IV}, sem o uso de fantasia obrigatória e sem necessariamente estarem filiados a ligas, associações ou federações de qualquer natureza. Os blocos de empolgação desfilam no formato de parada^V, sem obrigatoriedade de alegorias ou enredo, mas com todas as fantasias iguais (atualmente, de forma geral, reduzida a uma camisa padronizada) e com o mesmo tipo de estatuto de filiação verificado nos blocos de rua, sendo também conhecidos como blocos de embalo. Os blocos de enredo possuem estrutura competitiva, estética visual e musical semelhante às escolas de samba e desfilam no formato de parada, sendo todas as agremiações deste tipo originadas e organizadas na FBCERJ, fundada em 1965.

Pelo fato de existirem semelhanças visuais e musicais entre os blocos de enredo e as escolas de samba e da origem de muitas escolas de samba ter sido um ou mais blocos de enredo, corroborando o apontamento citado anteriormente de Leopoldi (2010a), tende-se a identificar os blocos de enredo como escola de samba de proporções reduzidas. Diversos autores centram esta similaridade com as escolas de samba para caracterizar este tipo de manifestação carnavalesca. “Os blocos de enredo eram escolas de samba em escala reduzida, que desfilavam e competiam” (COSTA, 2001, p. 177). “Nas noites de sexta e sábado desfilam na Intendente Magalhães os blocos de enredo dos grupos de acesso. São grupos pequenos, *protótipos de escolas de samba* [...]” (FERREIRA, 2008, p. 98; *grifo meu*). “Os blocos de enredo podem ser definidos

como ‘*miniescolas de samba*’, uma vez que além das fantasias são confeccionadas também algumas alegorias” (SANTOS, 2012, p. 21; *grifo meu*).

Porém, destaca-se que nem todas as visões sobre os blocos de enredo comungam deste tipo de caracterização rasa. Ainda caminhando na análise de seus aspectos externos e estabelecendo uma identidade relacional e marcada pela diferença, Valença (1996) afirma que os blocos de enredo possuem estrutura organizacional muito próxima (e não igual) à das escolas de samba, sublinhando esta capacidade gerencial como um dos traços diferenciadores destes blocos em relação aos demais. Barbieri (2009) acentua a similaridade da estrutura competitiva dos blocos de enredo em relação às escolas de samba, mas pontua diferenças com relação aos quesitos e aos graus de importância dados aos mesmos durante o julgamento das apresentações. Diferentemente das escolas de samba, que até a primeira metade da década de 1990 somente realizavam seus desfiles competitivos na região central da cidade, RIOTUR (1991) salienta que os blocos de enredo sempre realizaram seus desfiles também em locais situados nas zonas suburbanas da cidade do Rio de Janeiro.

2.1 – Perspectiva ritualística

Especificamente tratando dos desfiles das escolas de samba, DaMatta (1997) particulariza este ritual dentro de todo rito que representa o carnaval. Para o autor, estes desfiles são arenas de encontro, nas quais as possibilidades de confronto entre as classes sociais são potencializadas, buscando equacionamentos estabelecidos através dos mecanismos de neutralização e inversão por meio da ostentação e da organização dos segmentos subalternos, onde a hierarquização social sofre uma operação de tradução para represen-

tar uma linguagem competitiva. Codificando esta análise para o objeto de estudo desta pesquisa, os desfiles dos blocos de enredo apresentam estas características em grau reduzido, bem como seu alcance de mobilização, por contarem com montantes de recursos financeiros inferiores em relação às escolas de samba (incluindo aquelas pertencentes aos últimos grupos de acesso), pela maior dificuldade de estabelecerem redes de apoio com as escolas de samba das principais divisões hierárquicas (FERREIRA, J., 2012) e por se estabelecerem mais próximos de suas bases territoriais. Acrescenta-se que outro elemento importante nesta questão é o local de desfile, pois somente o Grupo 1 da FBCERJ (principal divisão hierárquica da entidade) desfila na região central da cidade, o qual estabelece outro patamar de comunicação simbólica (FERREIRA, 2008)^{VI}.

Como ritual, afirma-se a hipótese de que os desfiles dos blocos de enredo operam de forma semelhante que as escolas de samba, sendo aqui também importantes as considerações de Leopoldi (2010a), o qual não estabelece uma dualidade entre estrutura e *communitas*, conforme posto por Turner (2008), identificando no desfile um princípio estruturante, o qual aponta para a análise do carnaval também a partir de uma perspectiva sócio-organizacional.

2.2 – Perspectiva sócio-organizacional

Estabelecendo uma relação biunívoca com a perspectiva sócio-organizacional, o ritual dos desfiles dos blocos de enredo possibilita a edificação de processos de massificação e individualização dos componentes em relação ao cotidiano da agremiação. Para Leopoldi (2010a), no plano organizacional, as escolas de samba (e, pela hipótese que se adota nesta pesquisa, os blocos de enredo) controlam

suas individualidades a partir do poder autoritário e patronal de seu corpo dirigente. Conforme a data do desfile vai se aproximando, esta organização amplia sua base participativa, voltando-se mais para o mundo exterior, o qual se agrega e finaliza esta integração no desfile, formando uma estrutura dual e conciliatória, mas sempre provisória. Controlando seu centro organizacional e aberto à participação de outros segmentos, estas agremiações servem de ‘arena de mediação entre segmentos com interesses social e politicamente contrários’ (DAMATTA, 1997, p. 125). Além destas considerações serem válidas para o entendimento da dinâmica interna dos blocos de enredo, aqui amplia-se o escopo das mesmas para abarcar o relacionamento entre a FBCERJ com os blocos carnavalescos filiados a esta e com outros órgãos.

Construção identitária

Focando o estabelecimento das tipologias das manifestações carnavalescas no Rio de Janeiro, observa-se que, no início do século XX, as classificações representativas dos tipos de agremiações não se encontravam cristalizadas e eram utilizadas de forma indistinta. Moraes (1987) realizou esta operação de estruturação, sendo este discurso reproduzido em outras obras sobre o carnaval do Rio de Janeiro, como as de Costa (2001), RIOTUR (1991) e Valença (1996).

Porém, contrariando RIOTUR (1991), que atesta a existência dos blocos de enredo desde o início da FBCERJ, a partir das pesquisas em jornais, pode-se inferir que a nomenclatura em questão surgiu após mais de dez anos de existência da Federação.

Construção espacial

A produção de lugares carnavalescos revela a festa como um processo de

disputas multiplamente presente na série de relações que conectam os atores inseridos neste espaço em instâncias e escalas diferentes (FERREIRA, 2005). Configurar um lugar carnavalesco representa definir as formas de uso e quem será incluído ou excluído daquele espaço. Este princípio ordenador teve como um dos mais importantes mediadores a participação da imprensa ao estabelecer concursos para premiar o melhor rancho, cordão, bloco e etc. Os padrões de julgamento destes concursos auxiliaram a formatar estas categorias, que se estruturam ao longo dos anos.

Esta pesquisa aponta para um elemento importante relativo à participação dos blocos de enredo na configuração do espaço carnavalesco do Rio de Janeiro, o qual é a questão dos relacionamentos com os poderes executivo e legislativo através de canais de comunicação com vereadores, deputados, secretários e órgãos administrativos relacionados ao turismo, pois a formulação e execução das políticas de cultura de incentivo ao carnaval implementadas pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro não partem da secretaria de cultura. Além do estabelecimento de redes de apoio, estas relações auxiliaram os blocos carnavalescos no fomento à organização das competições, geridas através da FBCERJ, onde se optou por estabelecer um espraiamento dos locais de desfile, configurando lugares carnavalescos em diversos pontos da cidade.

Organização para a competição

Considerando o carnaval um ritual onde ocorrem operações de inversão e neutralização, DaMatta (1997) destaca que ocorre uma inversão organizatória, pois grupos se ordenam para “brincar”. Mediados por entidades gestoras e regulamentos, os concursos traduzem uma linguagem competitiva que conjuga o valor fundamental da igualdade com a moldura hierarquizada característica de nossa sociedade.

A lógica da competição permeou os encontros das agremiações no período do carnaval e era desejada por estas, conforme aponta Ferreira, F. (2012). Para Cavalcanti (2006), o dinamismo e a força destas agremiações vêm justamente desta natureza competitiva^{vii}, pois, independente da classificação no concurso, sempre é necessário recomeçar, terminando um ciclo carnavalesco e iniciando outro em seguida, subsidiado por tensões entre pressões por inovações estéticas musicais e visuais e por manutenção de elementos considerados tradicionais, claramente pendendo para a valoração dos elementos visuais em detrimento dos musicais. Para a autora, ao lado de seu aspecto ritual, esta lógica competitiva estabeleceu a importância dos desfiles a partir da permanência dos mesmos no imaginário da cidade.

Construção das redes de apoio

Para a consecução dos desfiles e, em muitos casos, das atividades em suas quadras, as agremiações carnavalescas necessitam estabelecer relações com outros atores sociais.

A premissa aqui assumida é a de estruturar o campo do carnaval carioca como mais um lugar de luta configurado socialmente onde se contesta ou reproduz a hegemonia. Para Storey (2015), a hegemonia é uma forma de diálogo que, de uma forma ou outra, promove espaços para a manifestação dos subalternos ser considerada. Esta abordagem entende o subalterno como parte atuante do poder hegemônico, com grau de influência menor, porém existente, não sendo somente uma resistência passiva. Desta forma, possibilita-se compreender de forma mais explícita que as transformações das manifestações carnavalescas ao longo do tempo não são apenas decididas pela classe dominante. Seguindo esta linha de raciocínio, observa-se em Augras (1993) a afirmação de que o processo de negociação empreendido

pelas escolas de samba, mais que uma simples submissão aos poderes públicos e às classes dominantes, expressou um comportamento pragmático destas agremiações para sua expressão, expansão e reconhecimento por parte da cidade. Partindo desta mesma lógica, postula-se nesta pesquisa que o mesmo processo ocorreu por parte dos blocos de enredo^{viii}.

Para o crescimento das manifestações carnavalescas ligadas às camadas sociais subalternas da cidade, fundamental foi o reconhecimento por parte do poder público, incluindo a distribuição de subvenção financeira como forma de apoio à preparação dos desfiles^{ix}. Este tipo de valorização representou também importante estímulo para a criação de inúmeras agremiações nos mais diferentes pontos da cidade, atraindo também agremiações de cidades pertencentes à região metropolitana do Rio de Janeiro.

Aspecto importante desta relação é apontado por Diniz (1982) e Zaluar (1985) ao sinalizarem a cooptação de lideranças locais como uma das bases de sustentação da máquina clientelista que operou no quadro político do Rio de Janeiro da década de 1960 até a primeira metade da década de 1980. Segundo as autoras, a articulação com blocos carnavalescos e escolas de samba representava a possibilidade de se cooptarem lideranças em zonas suburbanas, onde estas agremiações eram praticamente a única atividade aglutinadora dos moradores da localidade, tornando-se, também conseqüentemente, em instâncias de defesa dos interesses da comunidade.

A mudança posterior do quadro político do Rio de Janeiro representou a confecção de um novo desenho à máquina clientelista, onde a aproximação com lideranças locais reformulou-se através da incorporação e potencialização de outros espaços de cooptação. Diferentemente

das escolas de samba (de forma especial aquelas pertencentes às principais divisões hierárquicas), as quais desde a década de 1950 incorporaram o mecenato dos responsáveis pelo jogo do bicho como forma de se capitalizarem para a realização de seus desfiles e demais atividades (CAVALCANTI, 2006) (CHINELLI; SILVA, 1993), a hipótese que esta pesquisa postula aponta para a dependência praticamente única dos poderes públicos para o financiamento das apresentações dos blocos de enredo, tendo a alteração do quadro político do Rio de Janeiro assentado estas relações em novas bases, as quais, por exemplo, podem ser estabelecidas como uma das causas da greve dos blocos de enredo em 1988.

Organização para o desfile

Quando assumem um princípio ordenador para seus desfiles em caráter competitivo, as agremiações carnavalescas adotam uma série de preceitos organizativos que balizam a preparação do desfile como tempo de apresentação, quantidade de desfilantes, número de carros alegóricos, número mínimo de integrantes em alas obrigatórias, dentre outros que são especificados no regulamento da competição, o qual pode variar anualmente (CAVALCANTI, 2006).

Ampliando a abrangência do modelo descrito por Cavalcanti (2006) e Leopoldi (2010a) para incluir os blocos de enredo, destaca-se a existência de uma hierarquia da organização formal, responsável pela administração da agremiação, e outra da organização carnavalesca, responsável pela preparação e execução do desfile, colocando em cena diversas formas de expressão artística e grupos sociais distintos entre si. Para os blocos de enredo, a mobilidade de membros destas hierarquias para ocuparem ao mesmo tempo postos em outras agremiações carnavalescas é necessária para a sobrevivência dos primeiros. Primeiramente, pelo fato de que, caso

se cobrasse dedicação plena, os blocos de enredo poderiam correr o risco de não ter mais componentes e dirigentes. Outra questão é que a participação destas pessoas em outras agremiações com mais recursos materiais estabelecem redes de apoio importantíssimas na preparação do desfile e na execução do mesmo, possibilitando, por exemplo, a obtenção de esculturas, fantasias para desmontagem e reciclagem, peças para completar a bateria da escola, baianas para completarem a ala e não serem punidas pelo regulamento, ritmistas para completarem a bateria, chassis para carros alegóricos, diretores de harmonia para auxiliarem o desfile da agremiação, componentes para completarem o número mínimo de desfilantes exigido no regulamento, dentre outros insumos.

3 – Identidade e organização

Criticando o fato de que se estabeleceu praticamente uma fórmula única para se discutir o carnaval, Ferreira, F. (2012) alerta para o fato de que, neste debate tende-se a não discutir as construções narrativas, adotando-se uma abordagem naturalizada, a qual não compreende os objetos como produtos de discursos, de narrativas.

Desta forma, considerando a pesquisa em seu início, após o contato inicial com o corpo dirigente da FBCERJ, optou-se pela consulta às matérias jornalísticas. Um aspecto importante sobre a consolidação das manifestações carnavalescas no Rio de Janeiro é fornecido por Ferreira (2005) ao destacar a participação da imprensa como importante mediadora ao estabelecer concursos para premiar o melhor rancho, cordão, bloco e etc.

3.1 – Os blocos carnavalescos no carnaval carioca

Os blocos carnavalescos sempre compuseram a paisagem do carnaval ca-

rioca. Em entrevista ao Jornal do Brasil em 4 de março de 2011, e transcrita em parte por Andrade (2012), o professor e pesquisador Felipe Ferreira, coordenador do Centro de Referência do Carnaval da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, reafirma esta existência:

Os blocos, na verdade, nunca deixaram de existir. Eles estavam é meio fora do foco da mídia. Em Madureira e outros bairros da zona norte, sempre foram fortes. O que houve é que com esse esgotamento das escolas de samba o número deles cresceu muito na zona sul e no centro, onde tudo o que acontece tem mais repercussão na mídia (ANDRADE, 2012, p. 44).

Ao dar voz aos gestores da FBCERJ, a construção identitária amplia o espectro das similaridades visuais e musicais e estabelece alguma forma de contraponto às escolas de samba. Em matéria publicada pelo Jornal do Brasil em 8 de fevereiro de 1978, e transcrita por Pereira (2003), o então presidente da FBCERJ, Mário Silva explicava a diferença entre blocos de empolgação e blocos de enredo:

O que há é o seguinte: chamava-se embalo, mas com esse nome dava a impressão de que estava todo mundo embalado, no sentido negativo do termo, nós da Federação criamos o nome de empolgação. São blocos sem enredo, mais autênticos, de samba livre. Agora, embora livres, eles devem obedecer a uma norma reguladora, que é para não haver indisciplina. Bloco de enredo já é diferente: são blocos, como o próprio nome diz, com enredo. Já têm uma organização semelhante à escola de samba, mas *não são pequenas escolas de samba*. (PEREIRA, 2003, p. 68; grifo meu)

Esta forma de identificar os blocos de enredo é ratificada pelos membros da

atual diretoria da FBCERJ. Ao serem solicitados para definirem os blocos de enredo, os membros da diretoria da federação os identificam como “a escola para uma escola de samba”. O constante posicionamento relativo à caracterização de seus filiados como agremiações diferentes das escolas de samba pode ser encontrado ao longo dos anos nas matérias jornalísticas, onde elementos diferenciadores são projetados e/ou implementados. Como exemplo, na matéria publicada pelo Jornal do Brasil (1972), o presidente da FBCERJ admite a introdução de instrumentos de sopro como diferenciador musical.

Na matéria publicada pelo Jornal do Brasil (1978), há um trecho importante da fala do então presidente da FBCERJ, sobre a não comunicação entre as divisões hierárquicas dos blocos de enredo e das escolas de samba, permitindo identificar a questão da constituição de um grupo fechado de agremiações que se identificam como escola de samba, não permitindo o uso deste estatuto por outras.

Não há esta passagem – diz ainda Mário da Silva – O bloco é um conjunto diferente de escola de samba, mesmo quando apresenta enredo. *As escolas de samba formam um grupo fechado, de 44 associações. Agora, se abrir outra vaga, pode entrar qualquer outra organização que deseje transformar-se em escola. Seja bloco, frevo ou rancho.* Quando a Arranco [G.R.E.S. Arranco] e a Arrastão [G.R.E.S. Arrastão de Cascadura] passaram de bloco para escola de samba, ainda havia vaga. Agora, não há mais. São 44 certas. (JORNAL DO BRASIL, 1978, p. 2, grifo meu)

Uma possível estratégia de diferenciação com relação às escolas de samba reside na construção de uma menor complexidade de sua estrutura organizativa, sem criar mecanismos impositivos de filiação de novos membros

na FBCERJ, conforme pode ser lido na matéria publicada pelo Jornal do Brasil, onde o presidente à época da FBCERJ declarava que “o reinado de Momo vai ter bloco que não acaba mais, pois eles são mais fáceis de criar e com qualquer esforçozinho pode-se criar mais um” (JORNAL DO BRASIL, 1967, p. 10).

No debate sobre a construção identitária dos blocos de enredo, constatação importante é que esta denominação somente aparece nas matérias jornalísticas a partir da década de 1970, isto é, após a criação da FBCERJ. A primeira referência a esta categoria no Jornal do Brasil data de outubro de 1976, em O Globo é de novembro de 1976 e em O Fluminense é de fevereiro de 1977. Nota-se também que as notícias sobre a FBCERJ na década de 1960 não utilizavam a categoria blocos de enredo, mas sim blocos carnavalescos, como a verificada no Correio da Manhã (1967).

Sobre a dualidade descrita por DaMatta (1997) com relação ao caráter dos desfiles, onde se visualizava nos blocos carnavalescos o que era identificado como “desfile de carnaval”, não se transformando em “teatro ambulante”, característica imputada aos desfiles das escolas de samba, este discurso apontado é verificado, por exemplo, no depoimento do organizador do Bloco Foliões de Botafogo, onde ele ressaltava que organizaria a agremiação para o desfile, ‘mas integrado às suas verdadeiras tradições’(O GLOBO, 1973, p. 5), considerando que os blocos estavam procurando seguir o exemplo das escolas de samba, afirmando ser esta uma opção equivocada. Desta forma, constata-se uma disputa sobre um conceito de tradição a ser exercido pelos blocos carnavalescos, podendo ser um caminho para compreender o surgimento anos depois da separação dos blocos carnavalescos filiados à FBCERJ em blocos de enredo e blocos de empolgação.

3.2 – A federalização dos blocos carnavalescos como resultado de processos de negociação

Como exemplo da abordagem naturalizada explanada por Ferreira, F. (2012), visualizando a mesma no referencial teórico encontrado sobre a criação da FBCERJ, cita-se o início do capítulo dedicado aos blocos de enredo na obra publicada por RIOTUR (1991), a qual pretende dar conta da memória do carnaval carioca.

Em plena ascensão das escolas de samba, na década de 60, os blocos carnavalescos se unem e se reestruturam fundando a FBCERJ em 1965, com duas categorias: blocos de enredo e blocos de empolgação (popularmente, conhecidos como de embalo) (RIOTUR, 1991, p. 99).

Desta forma, tem-se uma visão simplista da organização da FBCERJ e de suas filiadas, entendendo este processo como natural, quase automático, para a organização dos festejos deste tipo de manifestação carnavalesca, ocultando todas as questões de conflito e negociação inerentes a este processo. Além disso, outra questão que surge desta citação encontrada em RIOTUR (1991) seria o fato de que todos os blocos carnavalescos fundaram e mantiveram-se na FBCERJ. Na realidade, a leitura dos jornais indica que este processo de federalização não envolveu todos os blocos existentes e nem ocorreu de forma imediata.

A própria fundação da FBCERJ não foi um evento único resultante das movimentações promovidas pelos blocos carnavalescos. Esta criação também sofreu um hiato temporal com processos de negociações e conflitos. As matérias veiculadas pelo Diário de Notícias (1964) e pelo Diário Carioca (1965) retratam dois

momentos distintos de fundação da entidade representativa destas agremiações. Além disso, blocos carnavalescos como Cacique de Ramos, Bafo da Onça e Boêmios de Irajá nunca estiveram filiados à FBCERJ, conforme declara o presidente da Federação no final da matéria publicada pelo O Globo (1975).

Desta forma, o processo que ocorreu com as escolas de samba, três décadas antes, o qual envolveu negociação e conflito entre agremiações, entidades representativas e o poder público, conforme apresenta Ferreira, F. (2012) e Silva (2007), pode ser adotado e transportado para a análise da federalização de certo número de blocos carnavalescos do carnaval carioca.

3.3 – A FBCERJ e a disputa por hegemônias no carnaval carioca

Desde sua fundação, a FBCERJ busca conformar um lugar próprio no campo do carnaval carioca ao se inserir na arena de disputas pela primazia na festa carnavalesca do Rio de Janeiro, objetivando principalmente a captação de mais recursos para suas filiadas nos contratos de prestação de serviços com a RIOTUR e o uso das principais pistas de desfile do carnaval, situadas no centro da cidade.

Analisando as matérias jornalísticas, nota-se que uma das primeiras conquistas da FBCERJ foi a fixação dos dias dos desfiles de suas filiadas. Antes, os concursos dos blocos geralmente ocorriam em dias anteriores ao carnaval, conforme mostram as matérias publicadas pelo Diário Carioca (1964) e Diário de Notícias (1962; 1966).

Logo no primeiro ano em que a FBCERJ organizou o desfile dos blocos carnavalescos diretamente com a Secretaria de Turismo foram obtidas duas conquistas, conforme mostra a maté-

ria publicada pelo Diário de Notícias (1967). Em primeiro lugar, fixou-se o sábado de carnaval como o dia dos blocos carnavalescos, sendo considerada a manifestação que abriria os festejos carnavalescos da cidade. Em segundo lugar, a partir deste ano em questão, os blocos carnavalescos filiados à FBCERJ passaram a receber subvenção financeira diretamente da Secretaria de Turismo, através de repasses feitos pela federação, não mais obrigando as agremiações a negociarem com a municipalidade, mas tendo então a FBCERJ como entidade representante.

Com isso, ressalta-se uma intensa colaboração da FBCERJ com o poder público como forma de se legitimar e construir seu lugar carnavalesco. No caso dos blocos, o crescimento do número de filiados à FBCERJ e o espraiamento dos mesmos pelo tecido urbano, devidos à menor complexidade organizacional para a montagem de um bloco carnavalesco e à liberdade de se filiar à FBCERJ podem ter sido potencializados ao longo das décadas de 1970 e 1980 por conta desta associação. A evolução do número de blocos de enredo e de escolas de samba é mostrada na Figura 1.

Por exemplo, em 1984, segundo matéria publicada pelo O Fluminense (1984), os desfiles na cidade do Rio de Janeiro contaram com a apresentação de 212 blocos carnavalescos filiados à FBCERJ, sendo 150 blocos de enredo (divididos em doze grupos) e 62 blocos de empolgação (divididos em quatro grupos), e 44 escolas de samba (divididas em quatro grupos). Neste período temporal, situa-se a pesquisa desenvolvida por Zaluar (1985), onde os membros das diretorias dos blocos de enredo e dos blocos de empolgação deixam clara a existência de um mecenato oriundo de lideranças políticas executivas e legislativas com o uso do aparelho público.

3.4 – As crises de representatividade da FBCERJ

Dentro da arena de disputas do campo do carnaval carioca, três momentos foram importantes na aceleração do processo de esvaziamento da FBCERJ e na conseqüente transformação de muitos blocos de enredo em escolas de samba, sendo estes processos considerados como crises de representatividade da FBCERJ e entendidos nesta pesquisa como dramas sociais (TURNER, 2008).

Apesar de possuírem origens distintas, nem sempre situadas na FBCERJ, mas nas entidades gestoras dos grupos das escolas de samba, estes fluxos serão tratados nesta pesquisa como crises de representatividade da FBCERJ. A perda na quantidade de filiados a seu quadro significou a redução no número de divisões hierárquicas dos blocos de enredo e, conseqüentemente, a diminuição do número de locais de desfile e dos lugares carnavalescos deste tipo de manifestação carnavalesca, reduzindo seu capital simbólico junto a RIOTUR como promotora do carnaval de rua na cidade do Rio de Janeiro.

Porém, antes destes momentos, os mesmos tiveram como preâmbulo o conflito pelo uso da principal pista de desfile da cidade, quando esta é transferida para a Rua Marquês de Sapucaí, em 1978. Segundo RIOTUR (1991), a partir de 1979, ocorre a inclusão do desfile das escolas de samba da segunda divisão hierárquica na principal pista de desfile da cidade, o que demanda a cessão de um dos dias de uso por parte dos blocos carnavalescos filiados à FBCERJ. Com a construção da Passarela do Samba (popularmente, conhecida como Sambódromo), em 1984, na rua em questão, a disputa pelo uso desta pista intensifica-se, opondo escolas de samba e blocos de enredo, conforme mostram as matérias publicadas pelo Jornal do Brasil (1983) e Última Hora (1984), onde inclusive relata-se a votação

de um projeto na Câmara dos Vereadores da Cidade do Rio de Janeiro no intuito de assegurar o uso da Passarela do Samba no sábado de carnaval pelos blocos de enredo.

Drama 1 – A greve de 1988

Em 1988, devido ao não acordo entre a RIOTUR e a FBCERJ sobre a utilização da Passarela do Samba para os desfiles dos blocos de enredo e sobre o valor a ser pago à segunda pela prestação de serviços no carnaval através dos desfiles e o número de agremiações contempladas, os blocos filiados à FBCERJ não desfilaram naquele ano (O GLOBO, 1987; 1988). Por conta deste quadro, blocos que compunham a FBCERJ desde a época de sua fundação, na segunda metade da década de 1960, como Canários das Laranjeiras, Difícil É o Nome e Unidos da Vila Kennedy, dentre outros, posteriormente solicitaram filiação à Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro (AESCRJ).

Importante frisar a diferença de postura do presidente da RIOTUR comparando as notícias. Ao comentar sobre a confirmação da greve, na matéria publicada em O Globo (1988), o mesmo reconhece que '(...) os blocos são uma rede capilar e que é através deles que a comunidade está presente' (O GLOBO, 1988, p. 15). Estas observações vão de encontro ao exposto por Diniz (1982) e Zaluar (1985) sobre a importância destas agremiações como atividade aglutinadora dos moradores da localidade.

Drama 2 – O conflito entre LIESA e AESCRJ

Em 1994, há uma alteração na hierarquia competitiva das escolas de samba, pois as duas entidades organizadoras dos desfiles destas agremiações entram em conflito, LIESA e AESCRJ. Com isto, responsável pelos desfiles das principais escolas de samba, a LIESA cria outra

liga (Liga Independente das Escolas de Samba dos Grupos de Acesso – LIESGA) dedicada aos desfiles das escolas de samba das divisões hierárquicas inferiores (O GLOBO, 1994), independente da AESCRJ. Desta forma, para se manter representativa dentro do carnaval carioca, a AESCRJ filiou um grande número de blocos de enredo neste período, quando então a LIESGA é desfeita, retornando todos os grupos de acesso para o controle da AESCRJ (O GLOBO, 1995).

Drama 3 – A desintegração da AESCRJ

Em 2010, a AESCRJ e a FBCERJ unificam (ou são obrigadas a unificar pela RIOTUR^x) as estruturas hierárquicas, atitude esta a qual forçaria que escolas de samba transformassem-se em blocos de enredo e vice-versa.

Entretanto, entre os componentes do novo corpo diretor da AESCRJ, há uma disputa pelo comando da entidade, a qual gera por parte da presidência da AESCRJ a criação de um denominado Grupo de Avaliação, passando este a ser a última divisão hierárquica. Para a composição deste novo grupo, são convidadas escolas de samba que foram obrigadas a se filiarem à FBCERJ e blocos de enredo e blocos de empolgação que também desejassem mudar de estatuto. Por fim, sem uma solução de consenso, em 2016, duas entidades são criadas para gerir os desfiles das escolas de samba que estavam sob o comando da AESCRJ: a LIESB e a ACSN. Esta última entidade passa a administrar o Grupo de Avaliação, agora denominado Série E, e continua o processo de aceitação de filiação de antigos blocos de enredo e de blocos de empolgação.

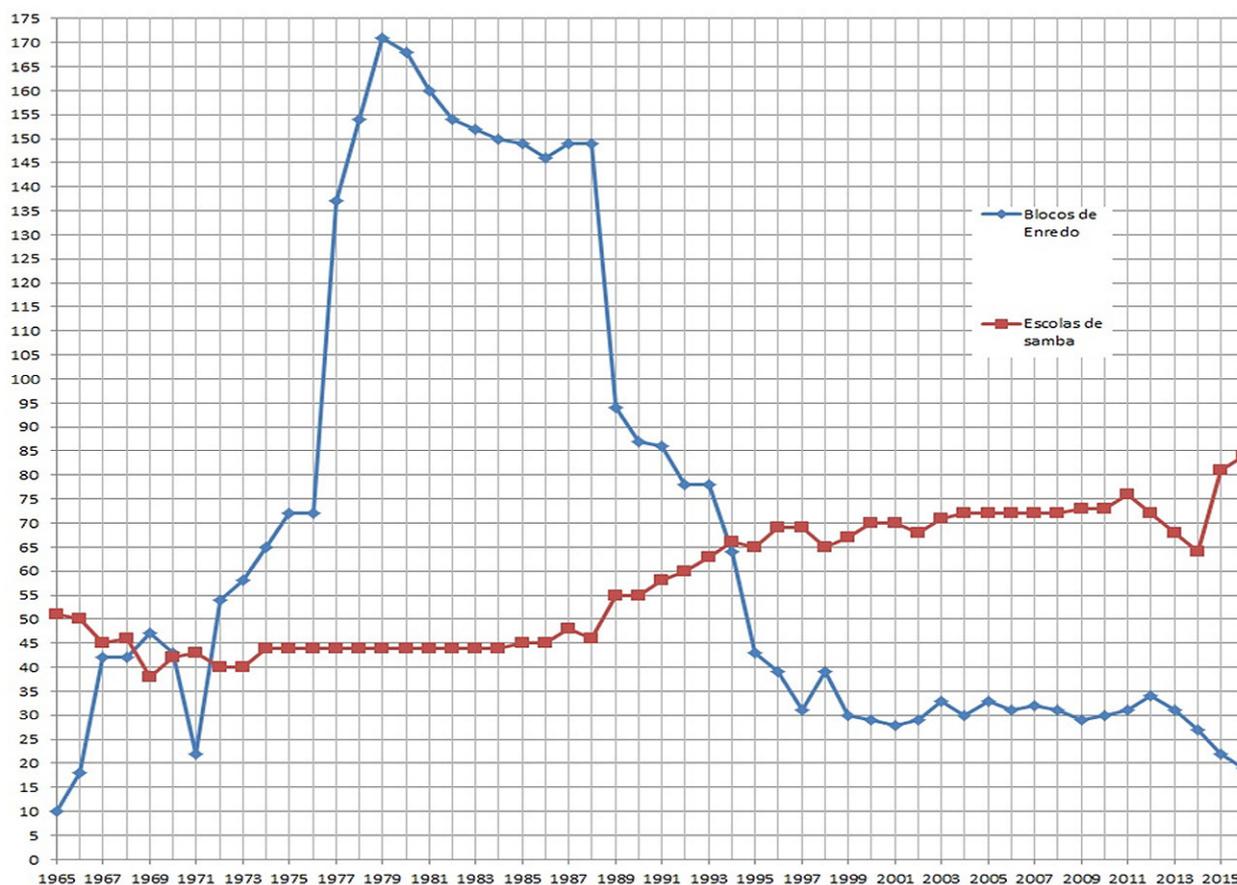


Figura 1 - Evolução do número de escolas de samba e de blocos de enredo

4 – Conclusões

Apontar para os blocos de enredo não somente nos revela uma face pouco conhecida e divulgada do carnaval carioca, como também localiza a origem de muitas escolas de samba (principalmente aquelas que hoje não se encontram no primeiro grupo da hierarquia competitiva), além dos aspectos de concentração / dispersão dos lugares carnavalescos pelos bairros da cidade do Rio de Janeiro. Mesmo com o decréscimo no número de entidades filiadas, merece destaque o fato de que, ainda hoje, a FBCERJ é a única entidade gestora de desfiles carnavalescos com caráter de competição na cidade do Rio de Janeiro que organiza suas apresentações em três locais diferentes ao mesmo tempo. Atualmente, as escolas de samba organizam-se em quatro entidades gestoras diferentes; e cada uma organiza seus desfiles em apenas uma pista em um dia ou mais.

Esta pesquisa surgiu como consequência de uma memória que emergiu e que até então tinha sido silenciada com as duas primeiras crises de representatividade dos blocos de enredo ao longo das últimas duas décadas. Quando em 2011, há a imposição da transformação de escolas de samba em blocos de enredo (e vice-versa), esta última retorna à esfera pública, interpelando as escolas de samba, os blocos de rua e os poderes públicos com relação ao projeto de carnaval atuante na cidade do Rio de Janeiro, o qual os enfraquece substancialmente na arena de disputas pela primazia dos festejos carnavalescos. Neste caso, identifica-se um silêncio que se constituiu como forma de resistência diante do excesso dos discursos considerados representativos e marcadores identitários do carnaval carioca (escolas de samba e blocos de rua) a espera de uma oportunidade de voltar a se comunicar.

Afirmando a condição de não serem somente uma etapa de passagem para que agremiações carnavalescas tornem-se escolas de samba, os blocos de enredo colaboram na configuração do carnaval carioca, a partir de uma identidade própria em contraponto a essas agremiações, ao conformarem novos lugares carnavalescos para os desfiles em formato de parada, ao afirmarem a possibilidade de uma estética visual e musical mais simples e de uma estrutura organizacional menos complexa (baseada praticamente de forma exclusiva em integrantes moradores da localidade) para se desenvolver um desfile de carnaval no formato de parada e ao estabelecerem canais de negociação em moldes próprios com os poderes públicos responsáveis pela organização do carnaval na cidade do Rio de Janeiro.

Por fim, cabe destacar também que, a partir da década de 1990, há uma mudança da política de fomento ao carnaval, fomentada pelas administrações municipais seguintes, com a redução e a reorientação do investimento público, as quais potencializaram nos blocos de enredo os efeitos das crises de representatividade na FBCERJ.

Bibliografia

ANDRADE, Marcelo Rubião de. *Música, espaço público e ordem social no carnaval de rua do Rio de Janeiro: um estudo etnomusicológico* (2009-2011). (Mestrado em Musicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

ARRAES, Bárbara Frota. *Folia em ordem: uma análise do carnaval de rua contemporâneo na cidade do Rio de Janeiro*. (Graduação em Produção Cultural). Universidade Federal Fluminense, 2013.

AUGRAS, Monique Rose Aimee. *A ordem na desordem: a regulamentação do desfile das escolas*

de samba e a exigência de “motivos nacionais”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 8, n. 21, 1993, p. 90-103.

BAKHTIN, Mikhail. Carnival and the carnivalesque. In: STOREY, John (Org.). *Cultural theory and popular culture*. Essex: Pearson, 2009. p. 250-259.

BARBIERI, Ricardo José Oliveira. *Conflito e Sociabilidade em uma pequena escola de samba: O Acadêmicos do Dendê da Ilha do Governador*. (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

BARROS, Maria Teresa Guilhon Macieira de. *Blocos: vozes e percursos da reestruturação do carnaval de rua do Rio de Janeiro*. (Mestrado em História, Política e Bens Culturais). Fundação Getúlio Vargas, 2013.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CHINELLI, Filippina; SILVA, Luiz Antônio Machado da. O vazio da ordem: relações políticas e organizacionais entre as escolas de samba e o jogo do bicho. *Revista Rio de Janeiro*. v. 1, 1993. p. 42-52.

COSTA, Haroldo. *100 anos de carnaval no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 2001.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DINIZ, Eli. *Voto e máquina política: patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FERREIRA, Antônio Eugênio Araújo. *Valorizando a batucada: um estudo sobre as escolas de samba dos grupos de acesso C, D e E do Rio de Janeiro*. (Doutorado em Artes Visuais). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

FERREIRA, Felipe. *Escritos carnavalescos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.

FERREIRA, Felipe. *Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

FERREIRA, Júlio César Valente. *As escolas de samba dos últimos grupos de acesso do Rio de*

Janeiro na cadeia produtiva da economia do carnaval. In: XIX Simpósio de Engenharia de Produção, 2012, Bauru, *Anais...*, Bauru: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Engenharia, 2012.

FRYDBERG, Marina Bay. Seguindo o cordão: uma etnografia das trocas nos blocos de carnaval de rua na cidade do Rio de Janeiro. In: XXIX Reunião Brasileira de Antropologia, 2014, Natal, *Anais...*, Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2014.

HERSCHMANN, Micael. Apontamentos sobre o crescimento do carnaval de rua no Rio de Janeiro no início do século 21. INTERCOM – *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 36, n. 2, p. 267-289, 2013.

LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de samba, ritual e sociedade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010a.

LEOPOLDI, José Sávio. Escolas de samba, blocos e o renascimento da carnavalização. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, v. 7, n. 2, 2010b, p. 27-44.

MORAES, Eneida de. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

MOTTA, Aydano André. *Blocos de rua do carnaval do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Réptil Editora, 2011.

MOTTA, Aydano André. *Blocos de rua do carnaval do Rio de Janeiro*, volume 2. Rio de Janeiro: Réptil Editora, 2014.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Cacique de Ramos: uma história que deu samba*. Rio de Janeiro: E-papers, 2003.

PIMENTEL, João. *Blocos: uma história informal do carnaval de rua*. Rio de Janeiro: RelumeDumar, 2002.

RIOTUR. *Carnaval do Rio: o maior show da Terra*. Rio de Janeiro: RIOTUR, 2014.

RIOTUR. *Memória do carnaval*. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 1991.

SANTOS, Jean Fagner dos. *Carnaval carioca: um negócio de entretenimento*. (Especialização em Gestão Estratégica de Vendas e Negociação), Universidade Cândido Mendes, 2012.

SAPIA, Jorge Edgardo; ESTEVÃO, Andréa Almeida de Moura. Considerações a respeito da retomada carnavalesca: o carnaval de rua do Rio de Janeiro. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, v. 9, n. 1, 2012. p. 57-76.

SILVA, César Maurício Batista da. *Relações institucionais das escolas de samba, discurso nacionalista e o samba enredo no regime militar 1968-1985*. (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

STOREY, John. *Teoria cultural e cultura popular: uma introdução*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói, RJ: EDUFF, 2008.

VALENÇA, Raquel Teixeira. *Carnaval: para tudo se acabar na quarta-feira*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1996.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Referências jornalísticas

CORREIO DA MANHÃ. Turismo regula desfile dos 3 grupos de blocos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 10, 20 jan. 1967.

DIÁRIO CARIOCA. ACC recebe inscrições: '1 Festival de Blocos'. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, p. 10, 9 jan. 1964.

DIÁRIO CARIOCA. Blocos agora federativos. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, p. 12, 29 out. 1965.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Premiados os vencedores do concurso para blocos realizado em Copacabana. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1 e 3, segunda sessão, 1 mar. 1962.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Fundada na sede da ACC a Associação dos Blocos da GB. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 8, segunda sessão, 4 fev. 1964.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Blocos carnavalescos farão III Festival na Presidente Vargas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 4, segunda sessão, 29 jan. 1966.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Os blocos carnavalescos abrirão sábado o grande desfile do carnaval da cidade. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, segunda sessão, 2 fev. 1967.

EXTRA. As últimas batidas do surdo: 10 escolas de samba vão virar blocos de enredo até 2014. *Extra*, Rio de Janeiro, edição digital, 2011.

JORNAL DO BRASIL. Blocos já têm ordem de desfile. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 10, 10 jan. 1967.

JORNAL DO BRASIL. Os blocos reagem. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 5, 26 fev. 1972.

JORNAL DO BRASIL. Blocos: uma lição de carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 2, Caderno B, 8 fev. 1978.

JORNAL DO BRASIL. Desfiles serão decididos esta semana. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 23, primeiro caderno, 23 out. 1983.

O FLUMINENSE. 212 agremiações movimentam 340 mil. *O Fluminense*, Niterói, p. 2, 29 jan. 1984.

O GLOBO. Iemanjá é enredo dos Foliões de Botafogo. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 5, 19 jan. 1973.

O GLOBO. RIOTUR justifica cassação dos nobres carnavalescos. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 10, 26 jul. 1975.

O GLOBO. Blocos vão à justiça para lutar pelo direito de desfilar na noite de sábado. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 9, 11 ago. 1987.

O GLOBO. Blocos desistem de desfilar no carnaval. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 15, 28 jan. 1988.

O GLOBO. Escolas de samba criam nova liga. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 14, 24 fev. 1994.

O GLOBO. Novos nomes de grupos poderão confundir sambistas. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 11, 9 set. 1995.

ÚLTIMA HORA. Um brutal atraso. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 6, 12 mar. 1984.

Recebido em 15/07/2016

Aprovado em 01/08/2016

I Júlio César Valente Ferreira. Doutorando em Memória Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor do Departamento de Engenharia Mecânica – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Brasil. Contato: julio.ferreira@cefet-rj.br

II Autarquia da Secretaria Especial de Turismo da Cidade do Rio de Janeiro encarregada pela execução da política municipal de turismo, sendo também responsável pela organização do carnaval da cidade.

III Esta situação também ocorre quando se verifica o estado da arte da produção acadêmica sobre os blocos de empolgação (blocos de embalo) do carnaval do Rio de Janeiro. Sobre os blocos carnavalescos, somente constata-se pesquisas tendo como objeto de estudo os blocos de rua.

IV Baseado em DaMatta (1997), entende-se que o desfile em formato de procissão prevê o cortejo de pessoas percorrendo diversas ruas e avenidas orientado pelo caminho traçado e executado por um núcleo central, o qual neste caso é representado pelos intérpretes e músicos e sistemas móveis de amplificação do som gerado por estes.

V Baseado em DaMatta (1997), entende-se que o desfile em formato de parada prevê a preparação de uma avenida ou rua para o ritual e nela se destacam locais por onde devem passar os desfilantes, onde deve ficar a plateia e o lugar destinado às autoridades e comissão julgadora.

VI Cabe uma ressalva de que o discurso de igualdade e inversão presente em Bakhtin (2009) é validado por autores como Leopoldi (2010b) e Sapia e Estevão (2012) para os blocos de rua, os quais consideram que estas manifestações se estabelecem hoje como contraponto às escolas de samba com relação às redes empreendidas para a consecução de seus desfiles, por recusar a linguagem competitiva (enunciando um discurso “purificado” e igualitário de inversão) e pela forma de conformar o lugar carnavalesco.

VII Uma interessante observação é que pode vir a ser uma temática de continuidade da presente pesquisa é o fato dos blocos de empolgação terem praticamente desaparecido do cenário carnavalesco carioca após os mesmos desligarem-se da FBCERJ e terem criado uma entidade própria, a qual aboliu o concurso, na década de 1990. Atualmente, não há uma entidade representativa deste tipo de bloco carnavalesco e as poucas agremiações que ainda se identificam como blocos de empolgação (ou de embalo) apresentam-se praticamente como blocos de rua, obtendo verba pública de financiamento de seus desfiles via participação individual nos editais publicados pela RIOTUR e pela Secretaria Estadual de Cultura.

VIII Sobre os blocos de rua, os trabalhos de Barros (2013), Herschmann (2013), Leopoldi (2010b) e Sapia e Estevão (2012) apontam as décadas de 1970 e 1980 como marcantes no esvaziamento do carnaval de rua e Leopoldi (2010b) identifica os mesmos como subalternos rebeldes no carnaval normatizado do Rio de Janeiro, pois as escolas de samba têm-se ‘(...) enquadrado nesse processo de domesticação da vida não oficial, uma vez que não parecem mais instigar nos participantes da festividade carnavalesca e nos que a ele assistem comportamentos que enfatizam a rebelião contra a ordem estabelecida, como acontecia antes.’ (LEOPOLDI, 2010b, p. 33). Para Herschmann (2013), esta denominada retomada do carnaval de rua, protagonizada por atores sociais da classe média, se estabelece em um ritmo de crescimento exponencial dos blocos de rua a partir da primeira década do século XXI, ocorrendo uma expansão temporal, com desfiles ocorrendo desde o mês de janeiro até uma semana após o carnaval, e espacial, principalmente nas ruas da região central da cidade e da zona sul. Sem possuir o caráter competitivo e regras a serem seguidas no tocante aos aspectos visuais e musicais, há nestes trabalhos uma identificação dos blocos de rua como representantes de um discurso contra um denominado princípio organizador do carnaval de rua. Porém, Andrade (2012) afirma que os poderes públicos tem procurado apoiar e normatizar o carnaval dos blocos de rua, no intuito de manter o controle espacial sobre o acesso às ruas da cidade e explorá-los como uma atração turística que sirva de contraponto às escolas de samba. Neste caso, serão identificados também processos de negociação como os verificados nas escolas de samba, estando evidentemente sobre outras bases de sustentação. O capital simbólico representado pelos blocos de rua para a cidade do Rio de Janeiro passou a ser utilizado pela municipalidade como atrativo para o estabelecimento de parcerias com o capital privado na promoção do carnaval de rua (FRYDBERG, 2014).

IX Atualmente, além desta subvenção (tratada hoje como contrato de prestação de serviços), há a possibilidade de captação de verba através de diversas formas de patrocínio, incluindo o que se denomina “enredo patrocinado”. A capacidade de construir redes de apoio deste tipo é diretamente proporcional à possibilidade de exposição da marca do patrocinador na mídia. Desta forma, os blocos de enredo e as escolas de samba que desfilam nos últimos grupos de acesso basicamente montam seus desfiles a partir da subvenção financeira fornecida pelo poder público.

X Nos contatos iniciais com os membros da diretoria da FBCERJ, os mesmos informaram que esta operação de unificação das divisões hierárquicas foi ordenada pela RIOTUR. Na matéria publicada no Extra (2011), a RIOTUR isentou-se de responsabilidade sobre a ação.